

MEDIAÇÃO E MEMÓRIA AFETIVA

Por Edson Ignácio de Oliveira¹

- Visitante:** “Licença, você trabalha aqui? ”.
- Educador:** “Sim, sou educador do museu, posso te ajudar? ”
- Visitante:** “Acho que sim. ‘Tô’ aqui há um tempo, já falei com ela ali (outra educadora) [...] é que eu sou da Bahia e eu queria saber por que que eu falo assim errado.”

O diálogo acima representa o início de uma mediação que aconteceu em 17 de março de 2012 no Museu da Língua Portuguesa (MLP) com um adolescente de 16 anos. Mesmo tendo ocorrido há um tempo considerável este fato ainda é um dos momentos mais marcantes dos quatro anos em que atuo como educador nesta instituição cultural. Sua narrativa foi a premissa de minha participação na mesa redonda promovida pelo centro de referência em Educação em Museus do MLP, ocorrido em 28 de novembro de 2013.

Identidade foi o tema central do encontro que contou ainda com a participação dos educadores Isaltina Costa e Márcio Farias, representando as equipes do Museu Índia Vanuíre e Museu Afro Brasil, respectivamente, e ambos fazendo parte, comigo, da mesa de discussões. A proposta foi discutir possibilidades de mediação educativa em museus cujos acervos apresentam e trabalham com questões de identidade da (e na) cultura brasileira.

Quando recebi o convite para participar deste encontro sabendo que disporia de um tempo curto para explanações, veio-me a preocupação de falar de identidade brasileira de forma simplória e superficial. E, como são muitas e diversas as ferramentas e atividades

¹ Educador do Museu da Língua Portuguesa, licenciado em Letras e pós-graduado em Socio-psicologia.

desenvolvidas pela equipe educativa do MLP, quais eu utilizaria como exemplo e qual (is) apresentaria com maior propriedade?

Uma constatação se fez necessária: identidade não é singular, portanto, deveria pensar o tema como identidades. A língua foi o ponto de partida, uma vez que língua é por si um elemento coercitivo e identitário e uma ferramenta eficiente de compreensão cultural. Para dar corpo a esta minha afirmação uso como referência a logomarca do MLP: uma imagem que desperta no público uma dupla interpretação: digital e galáxia, o individual e o coletivo, a identidade pessoal e social.

Mas como encontrar um norte para minha palestra? Neste momento pensei muito em Jorge Larrosa Bondia quando diz que “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca²”. Neste caminho, decidi falar daquilo que me aconteceu e me tocou durante esse tempo de trabalho no educativo do MLP. Muitos foram os momentos, muitas foram as experiências, algumas mais especiais outras menos.

Além de mencionar rapidamente como eu e a equipe de educadores da qual faço parte trabalhamos com educação não formal em nosso dia a dia, procurei dar corpo a estas ações com uma seleção de fotos de educadores em diversas atividades com nosso público, imagens que foram projetadas durante a minha fala. Essas imagens apresentavam visitas educativas – o principal momento de mediação no MLP, nossos inúmeros recursos e ferramentas utilizadas, como imagens, jogos de palavras, objetos e ações, atividades, oficinas e cursos. Optei por não

fazer uma apresentação institucional, não falei sobre conceitos, filosofias ou missões da instituição Museu da Língua Portuguesa. Não julguei ser este o momento propício para discussões acerca da instituição e de sua administração.

Entendo mediação por um processo no qual o mediador participa como facilitador de diálogo, provocador de desconfortos e reflexões. Processo esse já iniciado pelo visitante, muitas vezes

2 BONDIA, Jorge Larrosa. “Notas sobre a experiência e o saber da experiência”. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 14 fev 2013.

CENTRO DE REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM MUSEUS

até inconscientemente. Uma ponte como muitos falam o mediador tem participação fundamental.

Quero, a partir daqui, retomar o diálogo que inicia este texto e a mediação que o seguiu. Nesta mediação fui abordado por um jovem que acreditava não conhecer sua língua materna e a utilizá-la de forma errada. Diante de tudo que apontei até aqui este momento não poderia ficar de fora de minha participação deste encontro de educadores. Este jovem precisava estabelecer um diálogo amigável com sua identidade linguística. Vivendo na cidade de São Paulo com a família há alguns meses, mencionou estar matriculado em “uma das melhores escolas da cidade” cursando o ensino médio e disse que sua presença no museu consistia em uma “dica” de sua professora de língua portuguesa que pediu que ele visitasse o museu “para ver se assim aprendia a falar direito”.

Pontos de vista. Este foi o meu argumento na mediação com este visitante e em minha palestra. A própria gramática apresenta diferentes pontos de vista. Mostrei para este visitante que o ponto de vista da professora era a Gramática Normativa, porém, não iria entrar no cerne da questão de ela estar correta ou errada em sua colocação. Porém, expus minha opinião ao dizer que ela estava errada em sua pedagogia ao dizer que o aluno “fala errado”. Fiz jogos e dinâmicas que mostravam os diversos pontos de vista com relação à língua, trabalhei sotaques, sinônimos e regionalismos, mostrei que a língua é um organismo vivo e em constante transformação e salientei a importância da oralidade de qualquer língua que tem esta como sua principal característica.

A exposição temporária já encerrada na ocasião “Menas: o certo do errado e o errado do certo” me serviu de exemplos e explicações para justificar muitas das minhas afirmações. O acervo do MLP foi a ferramenta capaz na ocasião de tornar palpável as questões que queria levantar e que precisava deixar claras para aquele jovem. Queria que ele deixasse o museu com uma dimensão mais ampla do que é ser usuário de língua portuguesa, que percebesse que saber se comunicar de maneiras adequadas em cada momento de comunicação é o que

CENTRO DE REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM MUSEUS

torna um indivíduo um falante competente de sua língua. Se identidade(s) está presente no acervo do MLP, minha função naquele momento era orientar que as identidades daquele jovem fossem identificadas e assim que pudessem ser questionadas, refletidas.

Se experiência é o que nos toca, esta mediação me trouxe muitas reflexões e caminhos para novas atividades, sendo uma delas uma visita em que passei a discutir questões dos estereótipos que acabamos por interiorizar, perpetuar. Por intermédio de imagens construídas mentalmente, desenhadas ou já apresentadas, faço um levantamento de imagens estereotipadas de nacionalidades (alemã, japonesa, africana etc.) e acabo por provocar os participantes desta mediação a fazerem o mesmo construindo uma imagem para o brasileiro. A dificuldade de se criar características únicas para o brasileiro se apresenta e é a partir dela que questiono o público acerca da construção dos estereótipos.

Representações imagéticas de tipos humanos também são utilizadas no decorrer da dinâmica e por se tratar de uma visita temática mediada o acervo do MLP é de fundamental importância. O público é estimulado a pensar este acervo e suas montagens de maneira crítica e reflexiva. Suas palavras, vídeos e interatividade acabam por levantar questões de gênero, etnias, relações humanas e preconceitos socioculturais que delas podem surgir.

Um apelo do MLP é fazer do visitante um elemento de seu acervo apresentando-o como um agente transformador da língua portuguesa, neste sentido o visitante também é um agente construtor de minha ação educativa. Meu momento de explanação nesta mesa redonda procurou trazer minha voz e ponto de vista sobre mediação num espaço cultural cuja temática seja identidades, empregando minha própria identidade. Parafraseando Chico Buarque: o meu pai é paulista, minha mãe alagoana, minha avó era italiana, minha bisavó indígena e talvez meu tataravô escravo descendente de africanos. Sou um brasileiro de muitas identidades.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolingüística. 16. Ed.. São Paulo: Contexto, 2008.

CENTRO DE REFERÊNCIA DE EDUCAÇÃO EM MUSEUS

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 14 fev 2013.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

Educativo Museu da Língua Portuguesa. **Menas: O certo do errado e o errado do certo**. Catálogo. São Paulo, Imprensa Oficial, 2010.

Museu da Língua Portuguesa. **Menas: O certo do errado e o errado do certo**. Catálogo. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.